

Lemgruber diz que não existe margem cambial

por Riomar Trindade
do Rio

O governo dispõe de escassa margem de manobra para promover uma desvalorização mais acentuada da taxa cambial, com o objetivo de incentivar as exportações, porque essa medida teria efeitos nocivos imediatos nas taxas de juros no mercado interno, contribuindo ainda para aumentar o índice da inflação. A opinião foi manifestada a este jornal, ontem, no Rio, pelo economista Antônio Carlos Lemgruber, diretor da área internacional do Banco Boa Vista e professor da Escola de Pós-Graduação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Por essa razão, Lemgruber entende que o governo manterá a variação cambial bem próxima da correção monetária. "O deslocamento desses indicadores, conforme se comenta no mercado, parece-me muito difícil", disse.

EXOGENOS

A partir de agora, na visão de Lemgruber, o mais importante é evitar o que aconteceu nos primeiros quatro meses deste ano, "quando a taxa cambial experimentou uma perda real". Embora considere de fundamental importância para o incremento das exportações a manutenção de uma "taxa de câmbio realista", Lemgruber observou que o fraco desempenho das exportações brasileiras — as estatísticas da Cacex indicam que a balança comercial deverá contabilizar um déficit neste mês — decorre de "fatores exógenos", como a recessão mundial, que vêm afetando drasticamente países em desenvolvimento da África e da América Latina, parceiros comerciais do Brasil, e a redução de preços no mercado internacional de produtos primários de nossa pauta de exportações.

Esses fatores, observa Lemgruber, não são "necessariamente neutralizáveis" por instrumentos de política cambial, razão pela qual ele sustenta que a aceleração do ritmo de desvalorização da taxa de câmbio não surtiria efeitos significativos nas exportações brasileiras. Lemgruber também não vê "espaços" para o governo incentivar as exportações via política fiscal ou área de crédito, mas considera o pálido comportamento da balança comercial um "fenômeno transitório". Segundo ele, hoje o Brasil está sendo "penalizado", em consequência de fatores que fogem ao seu controle, por uma "política de exportações bem-sucedida ao longo de 1974 a 1981", período em que o País promoveu a diversificação de mercados para a colocação de seus produtos.

DILEMA

Na palestra no Clube Commercial, promovida pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros (IBEF), afirmou que, no momento, a política monetária do governo está "menos restritiva" do que, por exemplo, no final do ano passado. Lemgruber lembrou que "esse dilema", que considera de curto prazo, é de difícil administração pelo governo, porque, se de um lado pratica uma política monetária mais restritiva para combater a inflação, promove, por outro lado, a redução da atividade econômica.